

A INFÂNCIA E A EXPERIÊNCIA DO LUTO: UMA INTERLOCUÇÃO ENTRE CINEMA E PSICANÁLISE

T. I. S. Laboreiro¹, M. L. Veras² & C. L. Pereira³

¹Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Bolsista do Projeto de Extensão “Cine Freud, Cultura e Arte”. E-mail: tabatalaboreiro@hotmail.com; ²Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Bolsista do Projeto de Extensão “Cine Freud Cultura e Arte”. E-mail: marianalops@hotmail.com; ³Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. Professora adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Psicanalista. Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise. Coordenadora do Projeto de Extensão “Cine Freud, Cultura e Arte”. E-mail: cacianalinhares@gmail.com

Artigo submetido em Janeiro/2016 e aceito em Junho/2016

RESUMO

O trabalho discorre sobre a experiência do projeto “Cine Freud, Cultura e Arte”. O Cine Freud busca o diálogo com a comunidade através do Cinema e da Psicanálise, sendo a principal atividade do Projeto de Extensão vinculado ao Laboratório de Psicanálise da Universidade Federal do Ceará (UFC). O tema foi delineado a partir da análise dos debates ocorridos dos filmes: *Feito gente grande* e *Uma viagem extraordinária*. O objetivo é analisar as linhas de força

que compuseram os debates em torno do tema luto na infância. Considerando a relevância do debate, pretende-se extrair aspectos importantes levantados na discussão, assim como elaborar teoricamente os temas. A análise contribui para refletir sobre a extensão universitária visando o intuito do projeto: a apreensão dos processos de subjetivação nas produções cinematográficas e a escuta dos efeitos produzidos de sua recepção.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema e Psicanálise. Luto. Infância.

CHILDHOOD AND MOURNING EXPERIENCE: AN INTERLOCUTION BETWEEN CINEMA AND PSYCHOANALYSIS

ABSTRACT

This paper addresses experiences in “Cine Freud, Cultura e Arte Project” which aims to establish a dialogue with the community through Cinema and Psychoanalysis, as the main Extension Project linked to Laboratório de Psicanálise of Universidade Federal do Ceará (UFC). This work is based on the analysis of debates on two movies: *Feito gente grande* and *Uma viagem extraordinária*. The purpose is to analyze the main chains of forces that took part in debates on

mourning in childhood. In order to do that, it is intended to extract important features that were raised in the discussions as well as to theoretically work them out. The analysis contributes to reflecting upon the university’s extension activity within the project: apprehending subjectification processes in film productions and listening of the effects produced by their reception.

KEYWORDS: Cinema and Psychoanalysis. Mourning. Childhood.

INTRODUÇÃO

O Cinema e a Psicanálise têm origem em um mesmo momento histórico. Apesar de Freud ter demonstrado certa desconfiança por essa arte contemporânea a si, sempre se apresentou como um grande apreciador das artes em geral. O diálogo entre Psicanálise e Arte esteve presente desde suas origens e com o Cinema, não poderia ser diferente. Freud já apontava que o artista tem um conhecimento muito maior do inconsciente do que o próprio psicanalista, portanto, ao contrário do que se pensa, como afirma Rivera (2008, p.10),

[...] não se trata de aplicar a Psicanálise às obras para apontar nelas alguma verdade que apenas esta disciplina poderia revelar. Ao contrário, trata-se de buscar conhecimento sobre o homem nessas obras e, mais especificamente, com elas aprender sobre o sujeito e sua relação com a imagem.

O Cine Freud, Cultura e Arte é um Projeto de Extensão vinculado ao Laboratório de Psicanálise da Universidade Federal do Ceará e que propõe uma interlocução entre a Psicanálise, o Cinema e as Artes, de um modo geral. Realizando suas atividades na extensão universitária há aproximadamente nove anos, o projeto tem se constituído como um espaço de reflexão em torno de experiências que têm se apresentado como significativas em nossa cultura. A principal atividade do Projeto, o Cine Freud, que ocorre, tradicionalmente, na Casa Amarela Eusélio de Oliveira às quartas-feiras, consiste na exibição de um filme seguido de um debate conduzido por um palestrante convidado.

Esta investigação se insere no histórico de aproximações entre Psicanálise e Cinema, na medida em que propõe esta interlocução a partir da análise dos filmes *Feito gente grande (Du vent dans mes mollets)*, dirigido por Carine Tardieu e lançado no ano de 2013 e *Uma viagem extraordinária (The Young and Prodigious T.S. Spivet)*, dirigido por Jean-Pierre Jeunet e lançado em 2013. Os filmes foram exibidos e debatidos, respectivamente, nos semestres 2014.2 e 2015.1. O objetivo do trabalho será apresentar e analisar os debates oriundos dos filmes citados, elegendo como eixo central a infância e a experiência do luto. Por meio desta análise, pretende-se destacar pontos importantes levantados pelos palestrantes e pelo público, assim como sistematizar e elaborar, teoricamente, os temas que têm se anunciado como relevantes pela comunidade.

2 DOS FILMES E DA EXPERIÊNCIA DO LUTO

Em 2014.2 e 2015.1, o Cine Freud deu continuidade às suas atividades de extensão na Casa Amarela. Durante 2014.2, foram realizadas 11 sessões na Casa Amarela, totalizando 1.502 beneficiados. O filme utilizado para discussão no presente trabalho, *Feito gente grande*, foi exibido no dia 24 de setembro de 2014, na Casa Amarela, gerando um número total de 91 beneficiados. A palestrante foi Rebeca Escudeiro, psicanalista, professora do Curso de Psicologia da Universidade Visconde de Nassau e membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise.

No semestre seguinte, em 2015.1, o Cine Freud obteve um número total de 1.563 beneficiados nas 13 sessões realizadas na Casa Amarela. O filme *Uma viagem extraordinária* foi exibido no dia 18 de março de 2015 e alcançou um número de 135 beneficiados. A palestrante foi Carolina Borges Leão, psicanalista, professora do Curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza

(UNIFOR) e membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise de Fortaleza. O Cine Freud, durante 2014.2 e 2015.1, alcançou um número total de 3.065 beneficiados, sendo que, deste total, 226 pessoas compuseram o público que participou das sessões *Feito gente grande* e *Uma viagem extraordinária*, discutidos ao longo desse trabalho.

A temática da presente pesquisa, Infância e Luto, foi delimitada após um levantamento total dos filmes já exibidos, identificando esse eixo em comum nos debates ocorridos a partir dos dois filmes exibidos no Projeto e já referidos. O filme *Feito gente grande*, com título original *Du Vent dans mes mollets*, é uma produção francesa de 2011, lançada somente em 2013 no Brasil, que conta a história de Rachel, uma garotinha de nove anos de idade, filha única, que mora com sua avó e seus pais, que enfrentam uma crise no casamento. Na escola, Rachel quase não tem amigos. Após uma série de episódios em que Rachel apresenta uma fixação pela morte, sua mãe decide levá-la a uma analista. Entretanto, sua rotina muda mesmo quando conhece Valérie e é obrigada a enfrentar um dos maiores enigmas da vida: a morte de sua melhor amiga.

Baseado na obra *O mundo explicado por T.S. Spivet*, de Reif (2010), o longa-metragem *Uma viagem extraordinária*, produção franco-canadense, lançada no Brasil em 2013 com título original de *Lextravagant voyage du jeune et prodigieux T.S. Spivet*, narra a história de T.S. Spivet, um garotinho de 12 anos de idade, apaixonado pela ciência e que vive em um rancho isolado em Montana com seus pais e sua irmã. O filme narra a trajetória de T.S. desde a saída da casa de seus pais, sozinho e escondido, até o recebimento de seu prêmio por criar uma máquina de movimento perpétuo. Ao longo dessa viagem, T.S. vivencia experiências que o auxiliarão na elaboração da perda de seu irmão gêmeo, cuja morte testemunha com seus olhos.

2.1 SITUANDO O LUTO: DISTINÇÕES ENTRE LUTO E MELANCOLIA

O aporte teórico adotado na presente pesquisa é o psicanalítico. *Luto e Melancolia* (FREUD, 2010), texto que será nossa referência principal, foi um dos últimos textos metapsicológicos escritos por Freud no período entre 1914 e 1915, sendo publicado apenas em 1917. Nele, são discutidos conceitos centrais para a nossa reflexão como os de luto e melancolia. Segundo Freud (2010), o luto tem dois principais destinos possíveis: a elaboração bem sucedida dele (a recuperação da libido e a volta do interesse no mundo externo) ou a queda na melancolia (o fracasso da elaboração do luto). É também citado outro possível destino em que, por pré-disposições neuróticas obsessivas, o processo de luto toma uma configuração patológica.

Freud (2010) entende por luto um trabalho psíquico normal de reação à perda de um objeto amado, assim, não sendo necessariamente de uma pessoa amada, “mas também, algo que tome as mesmas proporções, portanto, um fenômeno mental natural e constante durante o desenvolvimento humano” (CAVALCANTI; SANCZUK; BONFIM, 2013, p. 89). Vale ressaltar que o processo de luto só pode ocorrer sob um fundo de amor. Como Nasio (1997) aponta em o *Livro da dor e do amor*, “não nos enlutamos por um ser que nos foi indiferente, mas por um ser que escolhemos e amamos intensamente: 'objeto eleito pela escolha narcísica'.” (NASIO, 1997, p. 161).

Para que o trabalho de luto seja realizado é necessário que, por meio de um processo de identificação, o sujeito enfrente um exame de realidade que revele que “o objeto amado não mais existe, e então exige que toda a libido seja retirada de suas conexões com esse objeto” (FREUD,

2010, p. 173) e que seja, gradualmente, investida em um novo objeto. O processo de desinvestimento no objeto amado não é um processo fácil, exigindo tempo, pois, como Freud mencionou em *O Mal-estar na Civilização*, “nunca estamos mais desprotegidos ante o sofrimento do que quando amamos, nunca mais desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor” (FREUD, 2011, p. 27).

Há ocasiões em que o processo de luto pode desencadear em um caso de melancolia devido a disposições patológicas, porém, ressalta em relação ao processo de luto que: “[...] jamais nos ocorre ver o luto como um estado patológico e indicar tratamento médico para ele, embora ocasione um sério afastamento da conduta normal da vida.” (FREUD, 2010, p. 172). Pelo contrário, Freud sugere que uma interferência nesse processo pode, até mesmo, ser prejudicial.

Freud realiza em seu texto aproximações e distanciamentos em relação aos processos de luto e melancolia, sendo o ponto crucial que diferencia os dois processos a presença de baixa autoestima e auto-recriminação nos casos de melancolia, sendo esses inexistentes no luto normal.

[...] um abatimento doloroso, uma cessação de interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, a inibição de toda atividade e diminuição da autoestima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição (FREUD, 2010, p. 172).

Já no luto profundo há a existência de um desinteresse pelo mundo externo, exceto em situações em que hajam circunstâncias ligadas ao objeto perdido, havendo, nesses casos, uma maior dificuldade de adotar um novo objeto de amor. A ausência do objeto dificulta o redirecionamento da libido por exigir um grande esforço por parte da pessoa. Há uma espécie de oposição a esse redirecionamento da libido, que pode acontecer de maneira tão intensa que dá espaço para um desvio de realidade (psicose alucinatória). Essa manifestação não ocorre no luto normal.

Freud ainda considera que existem ocasiões em que o luto pode tomar uma configuração patológica, que é justificada devido a uma pré-disposição neurótico-obsessiva que levaria a pessoa a se “expressar em forma de recriminações, nas quais o indivíduo mesmo teria causado - isto é, desejado - a perda do objeto de amor” (FREUD, 2010, p. 183). Nesse caso, o trabalho do luto se cronifica e cristaliza. Nasio (1997, p. 65), se refere ao luto patológico como “um amor congelado em torno de uma imagem.”

Assim como no processo de luto normal, a melancolia pode ser desencadeada como reação à perda de um objeto amado, apesar de não ser ocasionada somente por essa causa. Entretanto, ao contrário do luto normal, a perda da melancolia é de natureza mais ideal. O objeto pode não ter necessariamente morrido, entretanto, foi perdido como objeto de amor. Ainda se contrapõe em relação ao luto por nesse nada haver de inconsciente em relação a essa perda: na melancolia, muitas vezes, a pessoa “sabe *quem*, mas não o *que* perdeu nesse alguém” (FREUD, 2010, p. 175). Portanto, há uma perda do objeto em um nível inconsciente.

A melancolia diferencia-se ainda do processo de luto por apresentar o eu como desprovido de valor e incapaz de qualquer realização. A sua origem estaria relacionada a uma ligação com o objeto que apresentou pouco poder de resistência, assim, a libido estando sem direcionamento, ao deslocar-se, identifica-se com o objeto perdido. Portanto, Freud marca a melancolia como a perda desse objeto, se referindo a uma perda no nível do próprio eu. A chave do quadro clínico da melancolia, segundo Freud, seria que “as recriminações a si mesmo como recriminações a um objeto amoroso, que deste se voltaram para o próprio Eu” (FREUD, 2010, p. 179). Haveria um

processo de identificação, dito narcísico, em que se retira a libido do objeto amado e é direcionada para o Eu por meio de representações de coisas do objeto amado e perdido. Portanto, no que Freud chama de “delírio de inferioridade”, poderia se entender as recriminações que são feitas a eles como, de fato, recriminações a um objeto amoroso que se voltam para o próprio Eu.

Por meio de suas reflexões, Freud (2010, p. 185) compreende como poderiam se dar os casos de suicídio na melancolia:

[...] o Eu pode se matar apenas quando, graças ao retorno do investimento objetal, pode tratar a si mesmo como um objeto, quando é capaz de dirigir contra si a hostilidade que diz respeito a um objeto, e que constitui a reação original do Eu a objetos do mundo externo.

Em *Angústia de separação*, Manonni (1986) cita o estudo realizado por Sally Provence e Samuel Ritvo com recém-nascidos e crianças pequenas institucionalizados e com privação da assistência materna, nas quais são barrados quaisquer contatos com a figura materna. No estudo, Manoni (1986, p. 35) percebeu que essa privação causa efeitos tão devastadores nas crianças “que não investem nem nos brinquedos, nem nos seres humanos, nem em seus corpos”. Há uma separação abrupta da figura materna, ou de qualquer outra figura que apresente cuidados para com essas crianças, fazendo-as viver em um ambiente “morto”, no qual até a amamentação é feita por meio de um suporte mecânico. Essa ausência do primeiro objeto de amor da criança, a mãe, pode acarretar até mesmo a morte da criança quando esta tem menos de dois anos e meio, como descrito por Spitz.

Um caso semelhante é descrito por Sônia Altoé e Marco Antonio Coutinho Jorge em *Um ato de amor paradoxal* (2014). No texto, são relatados os efeitos sobre a saúde do bebê em casos em que há uma intensa rejeição por parte de sua mãe - o caso relatado no texto fora atendido por um dos autores durante alguns meses. Esse se tratava de uma adolescente de 15 anos e seu bebê de um ano de idade, fruto de um relacionamento incestuoso com seu pai, e que, apesar de ambos estarem em um centro de referência pediátrica do Rio de Janeiro, o bebê ainda assim não apresentava melhoras em relação ao aumento de peso, tendo que ser hospitalizado. Esse caso é interessante por nos fazer tocar numa dimensão ética fundamental: o amor pela filha implicou, justamente, na decisão de levá-la para a adoção. Enquanto nos serviços, a moça – a mãe – era incentivada a amar sua filha não a levando para a adoção, a escuta em análise produziu outra decisão: ela – a mãe - não tinha condições de fazê-la viver, referindo-se à filha como fruto desse laço incestuoso. Amar implicou levá-la para a adoção e, em poucos dias, a criança retoma o ganho de peso.

Ambos os casos tem um ponto em comum e que é por Ferenczi considerado como essencial nos primeiros anos de vida de uma criança: “o prodigioso dispêndio de amor, de ternura e de cuidados” (FERENCZI, 2011, p. 50 apud ALTOÉ; JORGE, 2014, p. 157). Uma problemática nesse nível é muitas vezes enfrentada por crianças que parecem desistir. Nos exemplos, seja por uma determinação de ordem do regimento do hospital, como foi o primeiro caso, ou devido uma impossibilidade de ordem da própria mãe, no segundo caso.

Essa discussão se aproxima da temática do luto e da melancolia na medida em que há um objeto de amor (a mãe) em que houve um investimento de libido por parte do bebê e, de alguma forma, houve uma ruptura abrupta em que exige que essa criança faça esse desinvestimento nesse objeto. No entanto, como foi dito, nem sempre se tem condições para que seja feito esse trabalho, ocorrendo, muitas vezes, o desinvestimento total na vida por parte dessas crianças ocasionando, até mesmo, sua morte.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

A partir do recorte da experiência do luto como tema de discussão do trabalho e com o intuito de aprofundar os elementos destacados nos debates através do aprofundamento teórico, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre o tema do luto. Elegemos, desta forma, textos para o início de uma pesquisa que deve prosseguir. Os textos fundamentais foram: *Luto e Melancolia* (FREUD, 2010); *Angústia de separação* (MANNONI, 1986) e *O silêncio em Psicanálise* (NASIO, 2010). Quanto aos materiais, nos apoiamos nas gravações e sínteses das falas dos palestrantes e dos debates (documentos do Laboratório de Psicanálise da UFC, projeto com o qual o Cine Freud se vincula e do qual se originou).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Freud (2014) estabelece algumas possíveis razões para os casos em que a pessoa se apresenta impossibilitada de fazer o atravessamento do luto e uma delas seria o forte sentimento de culpa. Embora ambos os filmes apresentem processos de luto, iniciaremos discutindo o trabalho de luto em *Uma viagem extraordinária*, mais especificamente, no personagem T.S. que se sente culpado pela morte de seu irmão gêmeo. Para que seja feito o trabalho de luto, T.S. necessita fazer a redistribuição da libido antes investida no objeto de amor perdido (seu irmãozinho). É essa culpa que o impede de fazer o atravessamento do luto.

Nasio (1997, p. 6) compreende a culpa como uma variante da angústia: “é uma reação à ameaça de que o ser amado me retire o seu amor, à guisa de castigo por uma falta real ou imaginária, que eu cometi ou poderia cometer”. A culpa assume uma forma de laço. No caso de T.S., este se sente culpado por uma falta imaginária que teria cometido em relação à morte de seu irmão. É tão somente quando sua mãe afirma “não é sua culpa, não é culpa de ninguém, T.S.” (UMA VIAGEM EXTRAORDINÁRIA, 2013) que consegue seguir em direção de se retirar dessa responsabilidade e realizar o trabalho de luto.

Como metáfora utilizada para apresentar a experiência de luto no garoto, tem-se a viagem que ele faz para receber o prêmio. Essa viagem pode ser vista como a travessia necessária para que T.S. possa elaborar a perda de seu irmão. Foi por meio das experiências obtidas por ela, diante de uma família em que nada se dizia acerca dessa perda devido à culpa que era sentida, que ele tão somente constrói um espaço para elaborar, diante de um público, durante seu discurso de recebimento do prêmio, aquilo que não foi dito por muito tempo acerca da morte de seu irmão.

Esse não-dito pode ser encontrado também na família de Rachel, personagem do filme *Feito gente grande*. O silêncio marca a relação tanto de sua avó com todos da família, como de Rachel com sua mãe, em que não há um espaço de fala para sua filha, como sua analista menciona na primeira sessão de análise. Como Rebeca Escudeiro propôs: “na verdade, toda a família de Rachel é silenciosa e, dessa forma, a criança não consegue se comunicar com os pais. É sobre esse lugar da fala que a analista pede que a criança se expresse, convocando-a a falar.” (informação verbal)¹. Nasio (2010, p. 23), em *O silêncio na Psicanálise*, traz o texto de Reik, “no início é o

¹ Fala da palestrante Rebeca Escudeiro na discussão do filme *Feito gente grande* no Cine Freud, dia 24 de setembro de 2014, em Fortaleza/CE.

silêncio”, que lembra: “o analista não escuta somente o que está nas palavras, ele escuta também o que as palavras não dizem”. Isso não indica o que geralmente se interpreta, que haveria um além a ser decifrado sempre, mas indica que há um impossível de dizer. A partir da convocação feita por sua analista, Rachel, diante da morte de sua amiga Valérie, produz uma resposta expressa na cena que inicia e encerra o filme, ao escrever uma carta para sua analista:

Querida Sra Trebla, a senhora me disse que se um dia eu me sentisse triste seria bom se eu te contasse. [...] Sra Trebla, estou triste. Uma tristeza maior do que todas as tristezas que já tive. O que me deixa mais triste é que a vida continua. Valérie morreu e é como se nada tivesse acontecido. O vento continua soprando no meu rosto (FEITO GENTE GRANDE, 2013).

Foi através de seu processo de análise, ao se expressar por meio da carta, que Rachel conseguiu nomear o que estava sentindo diante da perda de sua amiga. E, nessa nomeação, se tratava também de suportar atravessar um impossível dizer. Diferentemente de Rachel, até que fosse dado um espaço para a elaboração desse luto, T.S. teve que passar por uma longa trajetória. O processo de T.S. foi mais longo e árduo devido a estar em um ambiente familiar em que as coisas não são ditas, dificultando o seu processo de elaboração do luto.

A posição de seu pai é bastante significativa no filme. Segundo T.S., o seu irmão gêmeo era posto por seu pai em um lugar de predileção e em uma posição ideal. A palestrante Carolina Leão menciona na discussão que, como em toda relação de fraternidade, há aí uma relação de amor e de ódio: “o filme deixa implícito que existe um sentimento inconsciente [em T.S.] de se ver livre daquele irmãozinho para tomar a posição de predileção que tinha em relação ao pai. Mas, como esse irmãozinho era muito amado, esse sentimento não pôde ser elaborado no momento da morte do irmão.” (informação verbal)².

Um posicionamento curioso em relação à perda de seu filho é o feito pela mãe de T.S., que, como cientista, está em busca de uma espécie de inseto impossível. Essa mãe, quando perde o filho, passa a desinvestir na maternidade. Como foi discutido na palestra, em situações de perda, em que uma mãe perde o filho, é muito comum que essa mãe desinvista nas outras crianças. Freud demarca que “a inibição e a ausência de interesse é explicada totalmente pelo trabalho do luto que absorve o Eu” (FREUD, 2010, p. 175). Foi o que aconteceu no caso da mãe de T.S. Já a irmã mais velha de T.S. sonha em ser uma atriz e, por isso, consegue elaborar melhor essa perda pela via da encenação. T.S. estava em busca do movimento perpétuo, em outras palavras, um movimento que não tem um fim - que é eternizado com o tempo. Segundo a palestrante: “o movimento perpétuo é aquele que não conhece a morte. [...] É isso que T.S. está em busca. Ele busca alguma coisa que dribla o estancamento, que é a morte. A morte é uma parada no tempo. Mas ele sabe que esse estancamento não é possível e ele diz isso várias vezes no filme.” (informação verbal)³.

Embora não tenha tratado especificamente da experiência do luto na infância, outro filme que toca nessa temática e foi exibido no Cine Freud, no Dragão do Mar, em 2015.2, foi *Elena*, um filme - documentário que narra a história de Elena, uma jovem que viaja para Nova York com o fim de realizar o sonho de ser atriz, seguindo os mesmos passos que sua mãe quando era mais jovem, deixando sua irmã e sua mãe no Brasil. Duas décadas mais tarde, sua irmã, Petra, embarca para Nova York seguindo os passos de sua irmã, Elena, que cometera suicídio há anos.

² Fala da palestrante Carolina Leão na discussão do filme *Uma viagem extraordinária*, no Cine Freud, dia 18 de março de 2015, em Fortaleza/CE.

³ Fala da palestrante Carolina Leão na discussão do filme *Uma viagem extraordinária*, no Cine Freud, dia 18 de março de 2015, em Fortaleza/CE.

Em *Elena*, percebemos que há um trabalho de luto a ser realizado, sobretudo, exposto no filme sob a ótica de Petra, a irmã, em relação ao suicídio de Elena. Como foi citado durante o debate do filme, Freud em *Eu e o Isso* (1996) afirma que o Eu é constituído de restos do objeto perdido. O Eu se constituiria dessas identificações, sendo, assim, o luto o próprio processo de constituição psíquica. Portanto, só existimos por estamos o tempo todo fazendo esse processo de luto. No filme, as imagens de Elena, Petra e a mãe confundem-se de modo que o telespectador tem dificuldades em identificá-las. Como foi referido por Caciana Linhares⁴ durante a discussão do filme, quando Petra perde sua irmã (objeto de amor), não perde tão somente Elena, mas perde o olhar que tinha de sua irmã sob si. Por isso, deve-se perguntar sobre o filme: porque esse olhar era tão importante para Petra? O que, exatamente, ela perde aí? Todo o processo de Luto envolve não sabermos mais nos localizar diante dessa perda. Foi por meio dessa viagem, coincidentemente assim como T. S. em *Uma viagem extraordinária*, que Petra foi em busca de seguir os passos de Elena. Esses passos assumem, neste filme, a forma do documentário, do qual Petra é a diretora.

5 CONCLUSÃO

A partir do que foi exposto no referencial teórico, observamos que os filmes *Feito gente grande* e *Uma viagem extraordinária* permitiram refletir e discutir em torno de um tema tão delicado como é o do atravessamento do luto e que ainda é, atualmente, por muitos, silenciado ou esquecido.

Tanto em *Feito gente grande*, como em *Uma viagem extraordinária*, percebemos que os personagens centrais, Rachel e T.S., respectivamente, vivem em famílias nas quais o silêncio predomina. Entretanto, na família de T.S., esse silêncio perdura grande parte do filme (e do processo de luto) e, como já foi mencionado, se mostra, sobretudo, presente no laço entre T.S. e sua mãe. Encontramos, na cumplicidade que estabelecem, um forte sentimento de culpa que é característico do processo de luto, como foi apontado por Freud (2010). Na família de Rachel, observamos que o filme caminha para que esse silêncio seja quebrado antes que, de fato, ocorra a morte de sua amiga. Portanto, o processo de luto pela morte de sua amiga pôde ser nomeado. Poderíamos levantar aqui a questão da função, do lugar do processo de análise nessa travessia. No caso de T.S., observa-se no filme um garoto desamparado, confuso, perdido num círculo de silêncio sobre seu irmão, cuja morte tanto o marcou psicologicamente.

Após a fala dos palestrantes, abre-se o espaço para a participação do público, o que é imprescindível, pois é nesse momento que são feitas perguntas e considerações acerca da obra. Essa exposição das leituras feitas pelos participantes tem proporcionado um rico debate, o qual nos parece ser crucial para o reconhecimento da singularidade do percurso de cada, a singularidade mesma da subjetividade. Curiosamente, filmes como *Uma viagem extraordinária* e *Elena*, durante o espaço para o debate, despertaram o interesse de participantes em relatarem suas experiências de perda de entes queridos. Um dos participantes mencionou em sua fala, emocionado, que como T.S. havia perdido seu irmão, ele havia perdido sua mãe. Já em *Elena*, foi trazida durante a fala de um participante, que o filme tinha proporcionado um rico debate, por a temática de o suicídio ser muito delicada e ainda pouco discutida e, por fim, relatou que um parente próximo seu havia tentando

⁴Coordenadora do Projeto de Extensão Cine Freud, Cultura e Arte.

cometer suicídio. Em *Feito gente grande*, foi levantada a questão, por exemplo, se seria aconselhável ou não levar crianças a enterros.

Destacamos, a título ainda de conclusão, que o Projeto “Cine Freud, Cultura e Arte”, diante de seu objetivo geral de proporcionar um diálogo entre Arte e Psicanálise, tem se apresentado como um relevante espaço na extensão universitária ao promover discussões acerca de temas diversos e, por vezes, considerados tabu, como o da temática central do presente estudo, o luto na infância. Textos como *Luto e Melancolia*, o mais importante escrito de Freud que trata da temática, puderam ser debatidos, gerando uma rica produção de conhecimento, não somente no âmbito universitário, mas também para a comunidade em geral, alcançando o objetivo central do projeto, como também o objetivo específico que é, por meio da arte, mais especificamente o cinema, apreender os processos de subjetivação, como também prestar uma escuta para os efeitos produzidos a partir de sua recepção.

REFERÊNCIAS

ALTOÉ, S.; JORGE, M. A. C. Um ato de amor paradoxal. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v.46, n.1, p. 146-160, 2014. Disponível em: <http://revista.spid.com.br/index.php/tempopsicanalitico/article/view/12/pdf_10>. Acesso em 24 jun. 2016.

ARIES, P. A descoberta da infância. In: ARIES, P. **História Social da Criança e da Família**. Trad. de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981. p. 39-59.

CAVALCANTI, A. K. S; SANCZUK, M. L.; BONFIM, T. E. O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. **Psicólogo inFormação**, v. 17, n. 17, p. 87-105, jan./dez.2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/PINFOR/article/view/4552/3751>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

ELENA. Direção de Petra Costa. Produção de Julia Bock e Daniela Santos. Intérpretes: Petra Costa, Elena Andrade e Lil An. Roteiro: Petra Costa, Carolina Ziskind Música: Gustavo Ruiz, Fil Pinheiro, Maggie Clifford, Vitor Araújo. [S. l.]: Busca Vida Filmes, 2012. 1 DVD (82min), color.

FEITO GENTE grande. Direção de Carine Tardieu. Produção de Antonie Gandaubert, Fabrice Goldstein, Antoine Rein. Intérpretes: Agnès Jaoui, Denis Podalydès e outros. Roteiro: Oliver Beer, Raphaelae Moussafir, Carine Tardieu. Música: Eric Slabiak. [S. l.]: Europa Filmes, 2013. 1 DVD (89min), color.

FREUD, S. **O eu e o isso (1923-1925)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obras Completas de Sigmund Freud, 19).

_____. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2011.

_____. **Luto e Melancolia (1917[1915])**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Sigmund Freud Obras completas, 12), p. 170-194.

LARSEN, R. **O mundo explicado por T. S. Spivet**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2010.

MANNONI, M. Angústia de separação. In: NASIO, J. D. **De um impossível a outro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. 160 p.

NASIO, J. D. **O silêncio em Psicanálise**. Trad. de Martha Prada e Silva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

_____. **O livro da dor e do amor**. Trad. de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 217 p.

RIVERA, T. **Cinema, imagem e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. (Coleção Passo a passo, 85).

UMA VIAGEM extraordinária. Direção de Jean-Pierre Jeunet. Produção de Guillaume Laurant. Intérpretes: Kyle Catlett, Helena Bonham Carter, Judy Davis e outros. Roteiro: Jean-Pierre Jeunet, Guillaume Laurant, Reif Larsen. Música: Denis Sanacore. [S l.]: Califórnia Filmes, 2013. 1 DVD (105min), color.